UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

93

INSCRIÇÕES 416-419

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2012

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, todos os volumes estão também disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:

• U C • FLUC FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Composto em *ADOBE in Design CS4, Versão 6.0.6* | José Luís Madeira | IA | DHAA | FLUC | UC | 2012

417

FRAGMENTO DE LÁPIDE FUNERÁRIA DE *CONIMBRIGA* *(Conventus Scallabitanus)*

Fragmento de placa funerária de calcário local, recolhido, nos anos 80 do séc. XX, nos terrenos a nordeste de Conimbriga, conserva-se, por inventariar [em 2012], no Museu Monográfico desta cidade romana.

Moldurada: duas breves platibandas, de 3 cm, definidas por filetes exterior e intermédio limitam o campo epigráfico rebaixado. O facto de exteriormente à moldura não haver vestígios de afeiçoamento a denotar preocupação geométrica leva-nos a pensar que se destinava a ser embutida por completo, deixando apenas visível o espaço epigrafado. Conserva-se um trecho da moldura superior, partido no ângulo direito, donde parte a quase totalidade da moldura vertical, que forma ainda o vértice inferior, restando pequena porção da moldura de baixo. Não há afeiçoamento na face posterior.

Dimensões: 50 x 85/90 [?][5] x (30).

Campo epigráfico: (?) x 37.

[DIS (*hedera*) MANIB]VS (*hedera*) / […] RVFINI / […] [S]ACERD/[…] […]MO / […]MO FE(*cit*)

Altura das letras: l. 1, 4 e 5: 6; l. 2 e 3: 5,5. Espaços: 1,5.

---

[5] Tendo por extenso a consagração *Dis Manibus* com as *hederae,* podemos sugerir que o que se conserva é cerca de um terço da epígrafe.

Paginação que se pretendeu cuidada, pois se gravaram duas linhas de pauta para melhor enquadrar as letras em cada linha, e que pode ter obedecido a um eixo de simetria, se considerarmos a presença da *hedera* na l. 1 e o não-alinhamento à direita, mormente na l. 4; o espaço da última linha foi, contudo, mal calculado, obrigando a estreitamento da palavra FE(*cit*). *Hedera* elegantemente cordiforme, de pecíolo alongado e oblíquo. Não há possibilidade de saber que outra pontuação terá existido.

Caracteres de tipo monumental quadrado nas três primeiras linhas, assumindo-se de seguida alguma cursividade, motivada por deficiente cálculo prévio. O V é simétrico e aberto; S vertical e simétrico também; barras do F e do E bem horizontais; N amplo; C amplo; R claramente grafado a partir de P; D estreito, tal como acontece em relação às duas letras finais, notando-se no E uma espécie de compromisso entre o C e o E, como se o *ordinator* tivesse querido grafar FEC(*it*), num hipotético nexo não documentado. De resto, o próprio O revela-se oblongo e o M perde as características geométricas.

Afigura-se-nos plausível a reconstituição por extenso da consagração aos deuses *Manes*. A ser assim, trata-se, sem dúvida, de placa a ser colocada na fachada de um jazigo, hipótese tanto mais de considerar quanto a presença da palavra *sacerdos*, a qualificar, mui provavelmente, o defunto, implica estatuto social e económico elevado.

Ainda que o genitivo *Rufini* possa sugerir um patronímico, afigura-se-nos, pelo contexto e pela paleografia (a apontar para os primórdios do século I da nossa era), que o defunto virá identificado em genitivo, como que a marcar também a pertença do jazigo a ele e à sua família; aliás, outros testemunhos há desse hábito na epigrafia conimbricense. A primeira terminação *–mo* aponta, por seu turno, para um dativo e, inclusive, para adjectivo laudatório: *pientissimo, optimo*… Já idêntica terminação no fim, a preceder a forma verbal, preconiza mais um nominativo de etimologia grega – do tipo *Lucumo* – dado ter de registar-se aí a identificação do dedicante.

O cognomen *Rufinus* é demasiadamente frequente tanto na população indígena como na latina para que se possa atribuir ao defunto a pertença a um ou a outro estrato populacional. O

que, porém, torna relevante o fragmento é a menção a um cargo sacerdotal – *sacerdos* –, o primeiro documentado na cidade. Esta identificação não permite, todavia, atribuir-lhe funções num culto indígena ou romano, ainda que o mais natural seja que as tenha exercido a nível oficial, isto é, ao serviço de uma divindade do panteão romano ou do culto imperial.

VIRGÍLIO H. CORREIA
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

FOTO: Humberto Rendeiro